

Aula de Literatura Brasileira VI

10 de novembro de 2020

Prof. Jaime Ginzburg

A dark blue diagonal graphic element that starts from the bottom left corner and extends towards the top right corner, covering the lower half of the slide.

“Condomínio”, de Luís Fernando Veríssimo (1982)

O SOBREVIVENTE

João vivenciou a prisão e a
tortura.

Memórias da ditadura: impacto

“Condomínio”

“O velório”

A prisão e a tortura

O desaparecimento

“Condomínio”, de Luís Fernando Veríssimo (1982)

- Sabe quem foi que subiu comigo no elevador?
- Quem?
- Um dos caras que me torturaram em 68.
- Você está maluco,

“Condomínio”, de Luís Fernando Veríssimo (1982)

E todos nós aqui temos um patrimônio valioso que precisamos defender.

— Inclusive as nossas vidas — disse Sérgio. A voz rouca era a mesma.

— Exato — disse Miranda. — O doutor Sérgio, aqui, para os que não sabem, é dono de uma firma de vigilância. Uma das maiores que existem.

— Vigilância e segurança — corrigiu Sérgio.

“Condomínio”, de Luís Fernando Veríssimo (1982)

O emprego do itálico

balho. Mas de noite chorava nos seios de Sandra. Eu não denunciarei ninguém, Sandrinha. Não denunciarei ninguém. Me quebraram mas eu não traí ninguém.

Pronto, pronto, isso passa.

O tempo narrativo

Em fonte normal: sequência linear de tempo, expondo a reunião de condomínio

Em itálico: referências ao passado; fragmentos de memória de João

Duplicidade da situação

Antagonismo no passado: tortura

Antagonismo no presente: mal-estar na
convivência

Autoritarismo, preconceito, exclusão

— Acho que o nosso maior problema — disse Miranda, dando início, informalmente, à parte formal da reunião — são os assaltos.

— Ai meu Deus, nem me fale! — disse a senhora Pires.

— Infelizmente — continuou Miranda — estamos numa zona perigosa. Aqui tem malocas de todos os lados. Eu sei que a prefeitura vai remover mas por enquanto elas estão aí.

— E não são só os assaltos. Qualquer dia vai ter criança desse morro aí atrás querendo pular o muro para entrar na piscina — disse a sra. Miranda, sem parar de sorrir.

— Eu acho isso até pior do que assalto — disse João, mas ninguém notou a ironia. Nem a Sandra.

— O que é que vocês dizem? — quis saber Miranda.

Todos votaram a favor. Menos João. Quando chegou a sua vez de falar, ele disse que não sabia.

— Como, não sabe? — disse o Lima do quinto. — Você já viu a cara dessa negrada que mora aí perto? É tudo bandido. Está tudo esperando a hora de nos passar na faca.

Autoritarismo, preconceito, exclusão

— Vou dizer uma coisa — disse o Pires. — Eu acho que a coisa está chegando num ponto em que a gente tem que reagir no pau. Tem que matar meia dúzia em praça pública que aí o resto sossega. Esse negócio de direitos humanos é muito bonitinho mas em país desenvolvido. Aqui não. Aqui é nós ou

